

O TIRO CIVIL

ORGÃO DO SPORT NACIONAL

Redacção e administração

Toda a correspondencia dirigida a Anselmo de Souza.

Quarta-feira 1 de junho de 1898

Assignatura paga adiantada

Lisboa, 3 mezes	300 réis
Provincias, 6 mezes	600 .
Numero avulso	50 .
Anuncios preço convencional	

SUMMARIO

Grande diploma de honra. — O discurso de lord Salisbury, por L. F. MARESCAS FERREIRA. — Concurso Nacional de Tiro. — União dos Atradores Civis Portuguezes. — Concurso de tiro. — Bullão Pato, por ZACHARIAS D'ACA. — Tratado de Caça, por B. DE SA. — Associação dos Caçadores Portuguezes. — As regatas. — Yacting. — As corridas do Centenario, por CYCLO. — A tourada do Centenario, por E. D'A. — Eglydio d'Almeida. — Gonçalo Heitor Ferreira. — Gil Dias. — Augusto de Seixas. — João Marcellino. — D. Luiz do Rego. — Visconde da Varzea. — Agradecimento. — A exposição da imprensa. — Correspondencia. — Expediente. — Anuncio.

GRAVURAS

Gonçalo Heitor Ferreira — Gil Dias. — Carro da União dos Atradores Civis. — Cariad, vencedora na 1.ª corrida de Cascaes. — Indiana, vencedora na 1.ª corrida. — Vega. — Gury, ou regata de vela. — Canoa enviada. — Desdemona. — Etefina. — A Limpopo. — Ophelia. — Paulo. — Pigu. — Escaler vencedor do transporte Africa. — Escaler vencedor, do couraçado inglez *Magnificent*. — Escaler vencedor, do couraçado inglez *Revenge*. — Escaler vencedor do couraçado allemão *Oldenbourg*. — Augusto de Seixas. — João Marcellino. — Premio da cidade de Lisboa, no concurso de tiro. — D. Luiz do Rego. — Visconde da Varzea. — Eglydio d'Almeida.

Grande diploma de honra

A nossa revista acaba de obter o Grande diploma de honra, na exposição da imprensa, levada a effeito em commemoração do quarto centenario do descobrimento da India, por uma commissão da Associação da Imprensa Portugueza realisada nas salas do Atheneu Commercial de Lisboa.

Não o esperavamos, mas o facto, é para nós bastante significativo, enchendo-nos de orgulho. Só quem não conhece as lides da imprensa, é que não sabe, nem avalia, nem comprehende, quanto é grato aos que trabalham dia a dia, verem, e sentirem, o apreço dos seus camaradas e do publico em geral; repetimos, esta distincção enche-nos de orgulho, pelo que temos feito, e anima-nos a seguir na senda por nós traçada.

D'aqui, d'este nosso modesto logar, a nossa gratidão e reconhecimento aos nossos dignos juizes.

Anselmo de Souza.

O discurso de lord Salisbury

LONGE de se desvanecer a profunda impressão, que o celebre discurso fez em toda a parte, sobretudo nas nações pequenas, que mantem com penosos sacrificios um dominio colonial, vae recrudescendo cada vez mais a celeguia, tendo

contribuido bastante para atear as labaredas do fogo da indignação as phrases, recentemente attribuidas a lord Chamberlain.

Na logica, por que se estão regendo as nações, não ha argumentos de peso, como velozes e fortes couraçados, numerosos e aguerridos exercitos, todos os prodigios da força bruta, dirigidos pela sciencia da guerra — é o que se deduz dos factos, os quaes, mau grado nosso temos de aceitar, ainda que a consciencia se nos revolte contra a força supplantando o direito. Quer na guerra, quer na paz, o chamado direito internacional, obra de abalisados pensadores, porfiando n'uma cruzada civilisadora, é escarnecido como sonho de visionarios, havendo nações sem pejo de recorrerem a expedientes, indignos da nossa época.



Gonçalo Heitor Ferreira

Primeiro campeão portuguez de tiro à bala. (Concurso de maio de 1898)

Ao expirarem os seus ultimos dias, este seculo, tão pujantemente assignalado pelas grandes maravilhas da sciencia, da arte e da industria, devia coroar a sua missão, grandiosa como poucos a tiveram, erguendo uma obra monumental — a confraternisação dos povos — imposta pelo martyr do Golgotha e da qual as nações christãs parece viverem cada vez mais arredadas com os seus poderosos armamentos. E d'ahi, talvez se demonstre, porque vamos vendo artes para tudo, que este é o meio mais conducente para attingir tão sublime fim.

N'aquelle discurso novo não podemos deixar de reconhecer uma dissertação sobre o velhissimo thema:

«Venha a nós o vosso reino»

que a simples passagem do maiusculo para o minusculo n'uma das letras, fez descar-

rar a orientação, em que vinha deduzido, transportando-o para outra, dando-lhe assim um *facies* especial e pouco tranquillizador, como se está vendo.

Esta linguagem a ninguem pode causar surpresa completa, parecida, como é, com o que se tem ouvido em todos os tempos, sem exceptuar os mais remotos; poucas vezes apoiada em tão solidos argumentos, é verdade.

Vestida com tão bellas roupagens, recendendo o fino perfume das chancellarias europeas e d'além-mar, ainda se não tinha visto. Em tudo se manifesta o progresso!

Diz-se que é timbre e norma dos povos protestantes o pautarem os actos da sua existencia pelas leis de Moysés, sobejamente vistas e revistas, pelo menos uma vez por semana, nas leituras dominicaes — se tal é, como piamente devemos crer todos os, que não protestamos contra coisa alguma, inclusivé esse discurso, o espirito perde-se em conjecturas, os nossos olhos de balde querem perscrutar o que vae além das nevoas, envolvendo este profundo mysterio:

— O grande legislador do Sinai, cujo berço fluctuante foi arrebatado pela mão da Providencia á voragem da torrente, salvo miraculosamente das aguas, como o seu nome indica, não poude comtudo salvar-se, escapando á moderna interpretação britannica do seu decalogo. —

Esta interpretação para nós profanos, que não podemos ter dias certos para compulsar o vasto repositório biblico, excede os mais inverosimeis limites de elasticidade que lhe podiamos attribuir.

E é muito para pensar, para nos mergulhar até em profundas cogitações, o que succederia, se as leituras, hoje só dominicaes, se repetissem pelo menos n'um outro dia de semana!

Mal custa a comprehender, igualmente, como o brutal orgulho de raça, mais proprio de troglodytas que de homens civilisados, se possa coadunar com a humildade christã.

Não vae o tempo para estes desfastios do pensamento, qualquer indignação da nossa parte, por inutil é descabida, senão ridicula na era positiva do *venha a nós*, que vamos atravessando; impõe-se, porém, como um dever imperioso á redacção d'este periodico o volyer de novo os olhos para o trilho seguido, pensar seriamente na tarefa, a que se propoz, e redobrar de instancias afim de combater o indifferentismo, em que vamos cahindo.

Ao passo que se adensam, mais e mais, as nuvens no toldado céu da politica estrangeira, temos de nos ir preparando para a luta; ninguém nos respeitará, e menos ainda ao nosso territorio, encontrando-nos de braços crusados. Conquistar-nos é relativamente facil, conservar a conquista só uma nação muito poderosa o poderá fazer e nem sempre, peida pelas ambições das outras, encontrará ensejo

para isso. Esses obstáculos, que se hão de sempre levantar fóra das portas de nossa casa, se forem conjugados com uma tenaz resistencia por nós opposta, poderão ser coroados do melhor exito, e, quando o não sejam, irá na enérgia do nosso arranco a salvação da propria honra.

Quanto mais podermos valer e melhor soubermos aproveitar as circunstancias, mais facilmente encontraremos quem nos dê a mão.

E não se diga que pela exiguidade da metropole e o apoucado dos nossos recursos, estamos infallivelmente condemnados a arrastar uma vida mesquinha, de dependencia, sujeitos a desaires e audaciosos roubos. Bem pequeno era o Piemonte e soube temerariamente pesar na balança por occasião da guerra da Criméa. E' de ver a Suissa!

A defeza do nosso territorio, problema de grande complexidade, vae desde a educação militar do povo, levada á maxima diffusão, até o armamento, aos mais insignificantes petrechos, de que temos de nos provêr; o estudo d'ella é campo aberto a todos e a cada um impende o dever de prestar o seu concurso.

Nem tudo deve pesar sobre o poder central, que tem altas e difficéis questões a resolver, é indispensavel que a iniciativa particular o coadjuve, e, para tal auxilio effcaz se conseguir, aqui vae lançado um modesto appello.

L. F. MARREAS FERREIRA.

TIRO

Concurso Nacional de Tiro

REALISOU-SE nos dias 28 e 29 de maio findo, o grande concurso que fazia parte da celebração do Centenario da India.

Foi alem da nossa espectraliva o resultado do concurso, não diremos que foi grande a quantidade, mas em compensação a qualidade foi de primeira ordem. No primeiro dia inscreveram-se 145 atiradores e no segundo dia 162, total 307.

As percentagens foram todas muito boas, o que prova a excellencia dos atiradores.

Gonçalo Heitor Ferreira, podemos proclamar-o o campeão portuguez do tiro á bala. O jury foi o seguinte:

PRESIDENTE — Dr. Zofimo Pedroso Gomes da Silva, presidente da Camara Municipal de Lisboa.

VOGAES — Wenceslau de Sousa Telles, coronel do estado maior de infantaria; Antonio Manuel da Cunha Bellem, cirurgião em chefe do exercito; José Nicolau Raposo Botelho, tenente-coronel d'infanteria; Antonio de Sousa Machado, tenente-coronel d'infanteria 1; João Valente d'Almeida, capitão d'infanteria 1; Constantino de Fontoura Madureira Guedes, capitão de infantaria, Joaquim Julio Borges, capitão d'infanteria 7; Augusto Alfredo Jacome de Castro, capitão de cavallaria 4; José Gonçalves, capitão d'artilheria, lente da escola do exercito.

A falta de espaço, apesar de darmos a nossa revista com 12 paginas, obriga-nos a retirar muito original entre o qual fica de remissa a acta do jury, que é uma obra prima, de estilo e propaganda pelo tiro; é do punho do dr. Cunha Bellem, o nosso respeitavel amigo, presidente da Comissão installadora da União. No proximo numero publical-a-hemos com o retrato do seu auctor, assim como os de Souza Machado, Alberto Vergueiro, Crysogono Nunes Pinto, Raul Pinheiro Chagas, etc.

Que os nossos leitores nos relevem esta demora. Segue a relação dos premiados:

N.º d'ordem	Nomes	Balas acertadas	Premios	Offerentes	Classe
	Gonçalo Heitor Ferreira	52	500\$000	Commissão exec. ^a do cent. ^o	Civil
1.ª PARTE — Dia 28					
1	F. Gonçalves Rita	26	Salva de prata	Rainha D. Amelia	Militar
2	J. Carrilho Garcia	25	Escrevaninha	Cidade de Lisboa	Civil
3	M. Herrmann	25	100\$000	União dos Atiradores Civis	>
4	G. José de Jesus	25	100\$000	Commissão exec. ^a do cent. ^o	>
5	A. Gonçalves Santiago	25	Salva de prata	Ministerio do Reino	>
6	Crysogono N. Pinto	24	Estojo	Grupo Patria	Militar
7	Augusto F. Pinto Basto	24	Centro de prata	Camara Municipal de Lisboa	Civil
8	G. A. Moreira	23	50\$000	Commissão exec. ^a do cent. ^o	Militar
9	M. J. de Magalhães	23	25\$000	Idem	Civil
10	M. J. de Carvalho	21	25\$000	Idem	Militar
11	Pedro Franco Junior	21	25\$000	Cidade de Lisboa	Civil
12	M. A. M. d'Almeida	20	25\$000	Idem	>
13	Guilherme Henriques	20	25\$000	Idem	>
14	Agostinho José d'Oliveira	20	25\$000	Idem	>
15	Fraga Pery	20	24 garrafas de vinho	Idem	>
16	J. M. Carvella	20	Livros, etc.	Idem	>
17	J. M. d'Oliveira	20	50\$000	Commissão exec. ^a do cent. ^o	Militar
18	Antonio J. Campos	19	10\$000	Classe militar	>

2.ª PARTE — Dia 29

N.º d'ordem	Nomes	Balas acertadas	Premios	Offerentes	Classe
1	R. Rogenmozer	27	Jarra de prata	El-rei D. Carlos	Civil
2	J. T. Coelho	26	Puncheira	Rainha D. Maria Pia	>
3	N. T. Vianna	25	100\$000	Commissão exec. ^a do cent. ^o	>
4	R. P. Peixoto	24	Barometro	Ministerio da Marinha	>
5	L. S. da Silva	24	Relogio de ouro	Ministerio da Guerra	>
6	J. de S. Padesca	22	50\$000	Commissão exec. ^a do cent. ^o	>
7	M. F. dos Santos	22	50\$000	Classe militar	>
8	Ignacio Franco	22	100 francos	Grupo Suiso	>
9	A. J. da Silva	22	Machina de costura	Cidade de Lisboa	>
10	A. L. de Azevedo	22	25\$000	Commissão exec. ^a do cent. ^o	>
11	Guilherme Silva	22	25\$000	Idem	>
12	Pedro de Vasconcellos	21	25\$000	Cidade de Lisboa	>
13	L. A. Corrêa Saraiva	21	25\$000	Idem	>
14	Antonio Tavares	21	25\$000	Idem	Militar
15	Jayme Aldim	21	25\$000	Idem	Civil
16	A. Leuzinger	20	Vinhos	Idem	>
17	A. M. de Sousa	20	Idem	Idem	>
18	A. J. Valladares	20	Diversos	Idem	Militar
19	J. T. de Azevedo	19	400 cartuchos	Com. ^{são} do torneio de 1897	>
20	A. R. Palmeiro	22	50\$000	Commissão exec. ^a do cent. ^o	>
21	João Lucas	20	10\$000	Classe militar	>

União dos Atiradores Civis Portuguezes

Sede, Carreira de tiro da guarnição de Lisboa, Pedrouços

PARTE OFFICIAL

Commissão Installadora

AVISO

Mediante accordo com o director d'esta folha, e segundo resolução tomada em sessão de 11 de maio ultimo, todas as communicações officias da União, serão publicadas em *O Tiro Civil*.

Este jornal, será distribuido gratuitamente a todos os socios da União, que não sejam seus assignantes, sempre que as publicações sejam de obrigatorio conhecimento dos socios, taes como: projecto de estatutos, estatutos, balancetes, relatorios, circulares, avisos, etc.

Lisboa 1 de Junho de 1898.

O Secretario

Eduardo de Noronha

Circular:

A Commissão Installadora da União dos Atiradores Civis Portuguezes, agradece reconhecida a todos os consocios que se dignaram acompanhal-a no Cortejo Civico, commemorando o 4.º Centenario do descobrimento da India.

Lisboa, 1 de Junho de 1898.

O Secretario

Eduardo de Noronha

Carreira de Tiro

Alvos a 300^m e a 400^m circular; a 200^m figura de joelhos e repetição.
Armas Kropastchck, 8^{mm} m. 1886 Mannlicher 6,5^{mm}.

Domingo 8 de maio

Alvo a 400 ^m circular...	600	dispr.	334	acert.
> > 300 ^m circular...	90	>	64	>
> > 200 ^m fig. joelhos...	480	>	266	>
> > 200 ^m repetição...	410	>	215	>
	1:580	>	879	>

No alvo a 400^m, dos 334 acertados, 122 foram encarnados e 212 brancos. No alvo a 300^m, dos 64 acertados, 22 foram encarnados e 42 brancos. No alvo de repetição, dos 215 acertados, foram 104 altos e 111 baixos.

Dos 1650 cartuchos vendidos foram 800 da arma Kropastchck 8^{mm} e 850 da arma Mannlicher 6,5^{mm}.

Matricularam-se de novo os srs. Antonio Lopes Manso, de 21 annos, natural de Proença-a-Nova, commerciante; Cesar Fernandes, de 28 annos, natural de Guimarães, estudante; Dario Cannas, de 15 annos, natural de Lisboa, estudante; Aighland, de 30 annos, americano, proprietario.

Domingo 15 de maio findo

Alvo a 400 ^m circular...	310	disp.	163	acert.
> > 300 ^m circular...	370	>	198	>
> > 200 ^m fig. de joelhos...	610	>	292	>
> > 200 ^m repetição...	340	>	82	>
	1:630	>	755	>

Concorreram a concurso 45 atiradores; não houve nenhuma matricula nova.

Dos 1:630 cartuchos disparados 970 foram da arma K. 8^{mm}, e 660 da M. 6,5^{mm}.

Secção litteraria

Bulhão Pato

VI

Uma Caçada no Juncal

(Conclusão)

N'AQUELLE dia, ao romper da manhã — uma manhã de novembro, fresca e luminosa — abicava ao caes do Aterro, fronteiro á Rocha, toda a esquadilha do patrão Lourenço — tres bellos catraios, governados por elle, pelo seu filho mais velho, José — um rapagão desembaraçado, e por outro patrão, o João, alto e membrudo como um athleta, e que hoje é mestre d'um dos vapores de Cacilhas.

Moços e velhos, eram todos maritimos ás direitas, e n'aquelles barquinhos iam elles á pesca, e por lá andavam, sem medo e á ventura, fóra da barra! Quantas vezes, para não faltarem á sua palavra, elles nos vinham buscar alli, tendo perdido a noite no mar! E isto percebiamol-o nós pelo arranjo do barco, denunciante do serviço da noite. Da bocca não lhes saiu nunca uma palavra, que podesse ser tomada como um encarecimento interessado, um appello á nossa generosidade!

João Lourenço já vinha com elles de Belem, trazendo as suas melhores espadas — o *Thiers*, a *Norma*, o *Tibau*, e outros. Acompanhavam-o o Eusebio, e o Joaquim Tavares, da Junqueira, como elle creado da Casa Real, boa espingarda, e sizado companheiro. Um excellente rapaz.

Iam senhoras tambem connosco, mas, se eu escrevesse em estylo classico, não poderia dizer que nós formavamos o cortejo de Diana, a caçadora. Nem a sr.^a D. Maria da Piedade, a irmã do illustre poeta, nem as outras senhoras, suas amigas, tinham a minima pretensão a *sport-women*.

A maré era boa, e aprofámos ao Torrão, evitando o fadigoso transito pelo areal.

* *

Bem auspiciado o dia. Encontrámos logo as codornizes á beira mar, no principio do matto. Cruzavam-se os rastros, como de costume, mas os cães, praticos do terreno e conhecedores da caça, logo destrincharam a meada. D'ahi a pouco estavam todos *parados* á mostra do que ia na frente.

Formoso e singular espectáculo! Impressiona a todos este repentino estacar dos perdigueiros. A passo, a trote, a galope, que vam, ao sentirem a caça proxima, ficam de improviso immoveis, na posição em que ella os surpreendeu! Apenas um quasi imperceptivel tremor denuncia n'elles a vida.

Os nossos — eram sete ou oito — pareciam fundidos! Todos firmes em diversas attitudes, conforme o seu estylo de caçar. *Norma*, na frente, de cabeça alta e dominadora, apontava a caça; ao lado d'ella o *Thiers*, marcando de mais longe, inclinava-se para o lado d'onde lhe vinham os effluvios; o *Tibau*, um cão preto como azeviche, arrastara-se como um reptil até ao centro do grupo, estacando subito; os outros, mais affastados, vinham correndo e *parando* por *sympathia*, por influencia, e iam assim compondo e completando o maravilhoso quadro! Inteiriçados, alguns com o pello arripiado, não moviam um musculo!

Como eu registro aqui impressões anti-

gas, direi que na minha vida de caçador nunca mais tornei a vêr coisa assim. Um grupo como este jámais artista algum o compoz.

Diversos os animaes na pelagem, no desenho, na estatura, alguns d'elles — o *Thiers*, a *Norma*, a *Joia* — eram verdadeiras estampas: a mesma variedade tinham nas attitudes elegantes, e todavia naturaes.

As senhoras, surprehendidas e encantadas pela belleza da scena, approximaram-se, e todos nós formámos um arco, tendo no centro os cães *parados*.

Na ponta esquerda estava Bulhão Pato. A' sua voz *Norma* deu a pancada.

Em vão — A codorniz tinha-se furtado.

Então os perdigueiros partiram de novo em todas as direcções, em busca da caça, que lhes fugira. Não tardaram em achal-a, e eil-os outra vez estacados. *Norma* mantinha a dianteira — a codorniz tinha-a ella apontada. E como já não havia defeza, porque estava no limite do matto, ella poz-se nas azas.

O vóo, estridulo no arrancar, denunciava um macho. N'aquella estação, e n'aquelles logares as codornizes encontram abundante e succulento pasto nas myriades de pequeninos caracoes, que cobrem litteralmente as joinas. Alli se preparam para a grande travessia da sua emigração para a Africa.

Aquella, como não havia vento, voava baixo, mas distanciava-se rapidamente. Ouviu-se um tiro. A codorniz cafu.

A pontaria certa era de Bulhão Pato — pensará o leitor, que vae seguindo e ás vezes anticipando os factos... Não foi, mas devia ser. Era o mais velho, o mais graduado — era o cabeça, o chefe.

Mas entre nós havia um que, por ser o mais novo, o menos experimentado, se esqueceu de tudo isso, e, entusiasmado com os lances d'aquelle jogo, não se conteve... A codorniz caiu redonda, mas eu — que fui o tal soffrego atirador — tambem caí logo em mim, e vi que, apesar da pontaria certa, tinha errado.

Aqui fica o meu — *Pecavi*... Pato, confiado em si, tinha-a deixado alargar; não viu d'onde partira o tiro, e perguntou de quem fóra.

— Fui eu.
— Está bem. Bom tiro. Deixa-a vêr — disse elle.

— Está gorda. Mas aqui ha mais. Vamnos devagar.

Effectivamente as paradas repetiram-se, e d'ahi a pouco dez codornizes tinham alli encontrado *sua fin*. Escusado é dizer que foram quasi todas mortas por elle, que era, de todos nós, a melhor espingarda.

Coitadas, como o seu destino era atravessar um estreito, passaram por um — mas não foi o de Gibraltar.

* *

O sol ia apertando. As senhoras deixaram-nos, e tomaram, com as creadas, o caminho da Costa.

A' nossa esquerda tinhamos, em frente, a vinha do Miranda, bom abrigo para a caça, e, á direita, descobria-se a praia, fronteira ao mar, mas no limite d'ella, á beira do matto, appareciam-nos, aqui e alli, alguns lagos, que as chuvas do outono tinham formado. A agua era tão limpida, que se lhe via o fundo; apenas algumas moitas de juncos lhes sombreavam a superficie, que reflectia as raras nuvemzinhas brancas, que pairavam quietas no ar.

Aquelles lagos eram tentadores. Se elles tivessem narcejas...

— Eu vou-me aos lagos — disse eu ao meu amigo. Está-me sorrindo a idéa de lá encontrar certas senhoras...

— Pois vae. Eu não vou, não me quero molhar. Tu não te importas com isso. Talvez lá estejam algumas. Eu cá vou andando para a tapadinha.

Eu fui, e ellas lá estavam. Não eram aos centos, ainda assim encontrei as bastantes para errar uma duzia de tiros. Mas não errei todas.

Não sei o que as narcejas teem comigo; o que é certo é que eu, que em theoria, a frio, prefiro as perdes e as galinholas, quando defronto com ellas, nos terrenos alagadiços, que são os seus predilectos, perco a cabeça, e não ha lamas, nem aguas, nem lodos, que me impeçam de as fuzilar! Será a difficuldade do tiro? Talvez. E é provavel que seja, porque é a caça que mais se erra.

Entrar n'aquelles lagos era o mesmo que entrar em um tanque. A agua estava tão fria, e em alguns era tão alta, que tive de saír d'um rapidamente; sentia já um começo de tontura. O que não me impediu de me metter logo n'outro, e de andar assim mais d'uma hora, a entrar e saír da agua, debaixo d'um sol ardente, e n'um sitio tão sezonatico. Mas parece que eu andava então á guarda de Deus! Nem sezões, nem nada!

As narcejas tinham já desaparecido deante de mim na região dos lagos, e a fuzilaria continuava a ouvir-se para as bandas da tapadinha. Encaminhei-me para lá.

* *

Boa caçada. Pato estava radiante — as codornizes saltavam-lhe aos pares! E elle já se firmava com ellas, por causa da brisa que se levantara, e tambem por causa dos cartuchos. Contava-as a ellas, e já os contava tambem a elles, que iam rareando no cinto.

— Então a tapadinha rende — disse-lhe eu.

— E' como vês. Tudo isto está cheio d'ellas. Mas tu tambem achaste narcejas.

— Achei. Trago aqui cinco, mas ficaram-me lá muitas. Estão um pouco asperas. — Olha os cães, Zacharias.

Palavras não eram ditas e tres codornizes a saltar. Estavam vivas, não esperavam. Bastava que os cães as apontassem. Tres tiros. Pato dobrou a duas, e eu matei a terceira.

— Dá cá, *Thiers*. Olha, estão magnificas. E, dizendo isto, passava-me para a mão um esplendido macho, negro e de peito redondo. Estão todas assim — acrescentou elle. Estão na sazão da partida.

João Lourenço approximara-se com os seus companheiros. Estendemo-nos em ordem, e a fuzilaria continuou nutrida. Parecia o tiroiteio d'uma linha de atiradores.

Cruzavam-se, por vezes, os tiros, por que a caça, espalhada pelo Juncal, ia-se levantando deante de nós em toda a extensão da linha. Os nossos improvisados *moços do monte* — rapazitos do sitio, que sempre se nos aggregavam — ficavam-se atraz, nas raras sombras dos médãos, e Pato já ia repartindo comigo os despojos, que lhe começavam a pezar na sacca. A brisa da manhã cessara, mas as nuvemzinhas brancas quebravam, de quando em quando, o ardor do sol, que nos principiava a morder. Só as melgas nos perseguiram, obrigando-nos a fazer dos lenços guarda-nucas.

A' altura de meio Juncal fizemos frente á retaguarda, em direcção aos lagos. Era a vez das narcejas para todos.

—Aqui ha rastro d'uma lebre, sr. Pato — disse o João Lourenço, que ia atravessando um claro da areia. E' lá vae ella! — gritou elle. Vae ao longo do médão! Ahi á sua direita!

Com effeito ella ia-se furtando por entre as joinas, aos saltos. Estava perto de nós.

—Deixa-a endireitar a carreira — disse-me Pato.

Era a primeira que eu alli via.

—Agora — disse elle. E atirou-lhe.

A lebre, ao tiro, deu um salto, e atravessou, cortando pelo Juncal. Ia ferida, e os cães, que a tinham visto, seguiram-a, e não tardou que a agarrassem. Estava crivada.

—Agora vae um cigarro, e vamos ás narcejas, enquanto o sol não aperta mais. Eu não entro na agua, apesar do nome, mas vocês não fazem ceremonias, e sacodem-m'as para cá.

Quando chegámos já lá estavam outra vez as regachas, como lhes chamam na provincia, e principiaram a espirrar d'entre os juncositos, que bordavam os lagos.

O tiroteio redobrou então de intensidade, porque ellas — ha pouco batidas por mim — andavam levantadas, e saltavam umas atraz das outras, de roda de nós, cruzando o ar em todas as direcções.

A esta especie são dois os momentos em que se lhe pode atirar — quando levantam, e então é um tiro de chofre, ou quando, depois de fazerem os seus zigzags, ellas endireitam o vôo. O mais seguro é chofral-as — o que, em todo o caso, é um tiro d'acaso — porque não ha tempo para apontar. Depois é quasi sempre tarde; quando ellas endireitam o vôo, vam já fóra do alcance. Quem não é pratico, aquece, enthusiasma-se, dá muitos tiros, e não mata nenhuma. Foi o que me succedeu nas primeiras vezes. O commum dos caçadores não gosta d'ellas por isso, mas os outros capricham em emendar a mão, e voltam. E ha tal que as prefere a tudo.

O illustre poeta já então era optimo atirador. Eu admirava-o, quando o via dobrar os tiros, e tambem ingenuamente me admirava, quando via cair alguma d'aquellas bicudas, que eu mal entrevira, ao desfechar.

Para arredondar a conta das narcejas appareceram dois marrequinhos. Foi feliz a nossa visita á região dos lagos.

* *

Curtas as tardes do inverno. O sol descia rapidamente sobre o horizonte, e as nossas sombras principiavam a alongar-se. Era tempo de nos approximarmos da Costa.

Iamos subindo pelo Juncal, quando a minha cadella, a *Foia*, que acabava de me apontar, com grande frieza, uma codorniz, deu uma fiada rapida, e logo outra, formando um angulo recto com a primeira, e ficou-se como uma rocha. Uma narceja, perdida alli, e que apenas saltou caiu.

Finissima perdigueira — caçada pelo Manuel Candido, da Charneca, ás narcejas, ás lebres, ás gallinholas e ás perdizes — a primeira vez que a levei ao Juncal, vendo os outros cães accessos no rastro das codornizes, não fazia caso nenhum d'ellas, e parava a olhar para mim, como admirada, exprobrando-me talvez o eu tel-a arrancado aos seus frondosos pinhas da Amora e de Corroios, para levantar passarinhos n'aquelle areial! Depois habituou-se, e não deixava escapar uma.

Até chegarmos ao fim do Juncal, ás Cabanas, a caça não cessou de saltar.

Ahi tivemos uma scena — armada de improviso, e que se apresentou desde logo com torvo aspectos.

Ao longo do caminho sobranceiro, que atravessa, no alto do Juncal, para as cabanas dos pescadores, havia uma nesga de chão, que o trabalho pertinaz do homem tentara transformar em horta. Em cima, á beira do tal caminho, um poço explicava, e, até certo ponto, justificava aquella pretensão. Couves de talo rijo, esgrouviadas, e meio seccas, era apenas o que alli se via. A' esquerda, em terreno mais alto, duas choças de colmo dominavam esta horticultura, pobre, triste, e agreste, como toda a região d'aquella costa. O couval não tinha sebes, que o defendessem, e por alli costumavamos nós passar, á ida e á volta. A plantação era rara, e podiamos transitar sem prejuizo.

A invasão das codornizes chegara, n'aquelle dia, até lá, e quando Bulhão Pato, indo na nossa frente, a alguma distancia, entrou na horta, os cães deram logo signal de algumas. Seguiu-os elle, attento, quando á porta d'uma das choças assomou um homem, que lhe fallou grosseiramente, começando por um:

— Ponha-se lá fóra! que soou muito mal aos ouvidos do poeta.

O dialogo travou-se assim rudemente, mas nós, eu e o Joaquim, que estavamos um pouco longe, não percebemos nem estas palavras, nem as que se lhe seguiram, e só conhecemos a gravidade da situação, quando vimos Bulhão Pato, com gestos de ameaça, pôr a espingarda no chão, e avançar para o rustico. Apressámos então o passo, tanto mais, que o homem recuando, entrara bruscamente em casa.

As primeiras palavras do dialogo não as ouvi, mas ouvi as ultimas — as do poeta. Não eram academicas, não, não as posso aqui repetir; mas, n'um *crescendo* formidavel de violencia e de injuria, foram subindo até terminarem no mais agudo dos insultos — agudo no sentido e na palavra — repetida tres vezes, a fechar a tremenda apostrophe! A mais eloquente de certo, que jámais trovejara n'aquelles campos.

O homem podia voltar, mas não voltou. Temeu-se elle do caçador, cuja voz mascula tinha as impetuozas e dominadoras vibrações da colera, e que avançava para elle com os punhos cerrados — ou estaria lá alguém, que o segurou?

Quando nós, seguindo o mesmo trilho de Bulhão Pato, atravessámos a horta e depois, subindo a rampa, passámos em frente da palhota, olhámos para lá. No escuro da porta não havia ninguem.

* *

Voltara o silencio áquelles logares. A nuvem negra, que de repente surgiu, a turvar-nos a limpida serenidade d'aquelle formoso dia, desaparecera, varrida pela voz do poeta.

D'alli a pouco estavamos todos reunidos na casa de jantar da sr.^a Maria do Adrião. Ao lado, na sala, de paredes estucadas, e tecto com relevos, — uma surpresa para nós aquella restauração — a menina Casimira extrahia das gavetas das suas bellas commodas de polimento, e mostrava ingenuamente ás senhoras, as riquezas e os primores da sua guarda-roupa — chales, vestidos de côres garridas, saias com rendas finas, camisas bordadas, lenços de seda de ramagens que tão bem ficam, e

tanto realce dão áquelles rostos campesiños, já illuminados de tons quentes pelo ar do campo e pelo sol.

Uma figura gothica — esta menina Casimira. Alta e delgada de corpo, nem pallida, nem córada, a voz d'um timbre algo dorido, avara de palavras, os olhos sempre postos no chão, e um não sei que de triste e enigmatico, davam-me a impressão de quem não anda satisfeito cá na terra.

Estas figuras, quando teem uma plasticidade individual, e caracteristica, por apagada que seja n'ellas a expressão da vida, são, como as estatuas, suggestivas. Imprimem-se indelevelis na memoria, e entram na galeria do nosso mundo interior. E' com estas imagens, cujos contornos o tempo vae esbatendo, que os artistas e os poetas compõem os seus quadros, os seus romances, e os seus poemas.

Aquella donzella, serena e silenciosa, recortava-se, aos meus olhos, destacando do discordante scenario, e parecia-me, ao vel-a, ter descido d'algum velho quadro flamengo, de Van Eyck ou de Memling, interior de cathedral gothica, ou comitiva castellã, em caçada fidalga, com pagens, lebreus e falcões.

A's Avé-Marias vinhamos nós nos barcos, já de volta, aconchegados nas mantas, fumando e conversando. Nos paneiros os cães enroscados dormiam. Ouviam-se, rio acima, as sinetas de bordo, e, para o norte, o tiro de peça da torre de Belem annunciava, com o seu ruidoso pregão, o pôr do sol. Um sol poente de outono, illuminando e doirando os aereos castellos das nuvens, tão cambiantes, diaphanos, e fugitivos, como os da minha phantasia n'aquelles tempos da mocidade.

24 — maio — 98.

ZACHARIAS D' AÇA.

CAÇA

Tratando de Caça

Carta ao Sr. Joaquim Pires dos Santos

(Continuado do n.º 137)

TEMOS, pois, de pôr de parte os servicos que nos podiam e deviam ser prestados pelas auctoridades a que me refiro na primeira parte d'esta carta, publicada no numero 137 de *O Tiro*, ou enxertar o seu prestigio amortecido com esgalhos de prestigio novo, forte, sadio isento da menor susceptibilidade d'infeccção politica, para que elle nos possa offerecer alguma coisa proveitosa.

São quasi todos os caçadores d'opinião que não se devem desprestar os servicos das auctoridades administrativas, e, ainda ha pouco, o sr. dr. Henrique Anachoreta, um novo n'estas coisas de caça que me agrada bastantemente, se manifestou tambem n'este sentido, em um artigo que publicou no mesmo jornal que acima aponto; opina, porém, o sr. dr. Anachoreta, como muitos outros, que não devemos prescindir do auxilio que nos pode ser prestado por outras auctoridades, concordando, assim, com aquillo que no primeira periodo d'esta segunda parte da minha carta exponho.

E', portanto, ponto assente, questão, por assim dizer, unanimemente resolvida, que se faça o enxerto no valor atacado de

rachitis dos srs. administradores, regedores e cabos de policia, tendo-se até indicado já a qualidade da borbulha que deve ser empregada na enxertia.

Indicou-a, por ultimo, o sr. dr. Anachoreta, toda ella de excellente reputação, mas esqueceu-se d'outra que, a meu ver, não é para atirar á rua: refiro-me ao prestimo dos escrivães de fazenda e empregados de caminhos de ferro, que, aproveitando-se convenientemente, deve ser de profiquissimos resultados, mormente imprimindo-se ao dos ultimos um caracter essencialmente autoritario.

Já disse que as armadilhas, seja qual for a sua especie, são os instrumentos mais assoladores da caça; e a unica maneira de as fazer desaparecer é destruil-as onde quer que existam, no campo ou dentro de casa, e impor, ao mesmo tempo, severissimas penas aos seus possuidores.

A caça por ellas apanhada não é facil de conhecer, pelo menos rapidamente, como é necessario; e se os caçadores de contrabando ou negociantes de caça quizerem illudir a fiscalisação, podem fazel-o facilmente, recorrendo apenas ao simplissimo meio de metterem em cada peça um ou dois grãos de chumbo, depois de estarem de posse d'ella, viva.

Por esta razão, de pouco serviria a policia particular dos caçadores nas estações de caminhos de ferro. Podia, na verdade, ser d'algum prestimo nos mezes que são defesos, porque então a caça, viva ou morta, não pode apparecer ás vistas publicas, e, por consequencia, não importava, para a sua apprehensão, que ella fosse adquirida por este ou por aquelle processo; mas é justamente na epocha da prohibição que o sr. Pires dos Santos opina porque não façam serviço os pretendidos guardas particulares.

Na Chança e seus adjacentes, o emprego dos laços é espantoso; as perdzes cahem n'elles aos centenares, e as gallinholas, em consequencia da sua bastidão, tanto ao redor como no interior dos estevae, já se vão deixando prender n'elles, mnto lindamente para aquellos que as trocam a dinheiro na Praça do Anjo ou da Figueira. Tanto em Sêda como em Alter, já eu vi, com os meus proprios olhos, por mais de uma vez, gallinholas esvoaçando, enlaçadas, em vez de as vêr voando livremente e caçoar, ao mesmo tempo, dos tiros da minha arma.

Acabar-se com o emprego das armadilhas é para mim uma das coisas de maior necessidade; a tarefa, porém, posto ser facilmente executavel, hade encontrar seus embaraços, como encontra tudo que se destine a proteger as leis da caça.

Muito teria de massar ainda o meu amigo e confrade sr. Pires, com a resposta ao seu *alvitre*, se podesse dispor de mais tempo para isso; como este me falta cada vez mais, concluirei no numero proximo do *Tiro*, esta minha enfástiosa carta.

Porto, 29 de maio de 98.

B. DE SÁ.

(Continua)

Associação dos Caçadores Portuguezes

Grande caçada ás rapozas

A direcção da Associação dos Caçadores Portuguezes pede aos consocios que queiram tomar parte na grande caçada annual, ou que de qualquer forma desejem auxiliar a sua realisação, a fineza de se fazer inscrever ou participar por escripto ao secretario da direcção. Na caçada são permitidos cavalleiros e cães, excepto galgos. Bilhete 1\$500.

O Secretario
Henrique Anachoreta

NAUTICA

As regatas

COM raro esplendor e grande concorrença, realisoou-se este numero do programma dos festejos do 4.º centenario da India.

O sport nautico, da nossa formosa cidade, desempenhou-se honradamente da parte que lhe coube nas festas do grande jubileu nacional.

As impressões que em todos deixou, a estrangeiros e nacionaes, foram de molde a que alimentemos a esperança de as vermos repetidas. Lord Dunraven, o feliz pro-



Gil Dias

Distincto sportsman, decorador do carro da «União dos Atiradores Civis» no cortejo do dia 19 de maio

prietario da veloz e bella *Cariad*, o homem distincto e altamente pratico em taes assumptos, não escondeu as suas magnificas impressões, tanto do nosso rio, como da formosa bahia de Cascaes.

Ao singlar ligeiro sobre as cristallinas aguas d'esta bahia, soltou a exclamação de que: em parte alguma vira mais formosas aguas para se realizarem as regatas, superiores a todas as que conhecia.

A opinião é de mestre.

Eia, pois, *sportsmen* nauticos de Portugal, aproveite a enseo, deixae as traditionaes e prejudiciaes dissensões. Univos, clubs nauticos de Lisboa, e glorificae-vos, com o iniciamento de novas eras de es-

plendor que vos esperam, sem que tenhaes de fazer grandes sacrificios, antes com aproveitamento de todos.

Que o nosso brado seja ouvido, é a maior das glorias que para nós desejamos.

Feitas estas ligeiras e sinceras divagações, vamos á ardua tarefa de descrever as corridas.

No 1.º dia de regatas (15 de maio) realisarom-se as primeiras corridas na bahia de Cascaes, conforme o programma que publicámos em o n.º 126, de 15 de novembro ultimo.

El-rei e sua familia, bem como o corpo diplomatico e officiaes dos navios de guerra surtos no Tejo, assistiram ás corridas a bordo do cruzador *Adamastor*, o barco mandado construir pela grande commissão da subscrição nacional; além d'este, muitos vapores cheios de gente singravam na bahia de Cascaes.

O espectáculo era magnifico.

Na 1.ª corrida, em que se disputava a taça *Vasco da Gama*, correram a unico barco estrangeiro que se inscreveu, o *Cariad*, de lord Dunraven, e o *Lia*, de El-rei, que correu, por isso que o seu proprietario teve a gentileza de o inscrever para evitar que lord Dunraven viesse a Lisboa de balde com o seu *yacht*; a desigualdade era manifesta, e accresceu o ter-se quebrado o mastareu de traquete do *Lia*.

A largada foi á 1 hora da tarde, chegando o *Cariad* com 20 minutos de avanço; o premio era a taça *Vasco da Gama*, 200 libras em ouro e uma medalha de ouro.

Na 2.ª corrida ganhou a *Mina*, do sr. H. F. Moser; premio, um objecto d'arte de El-rei, 50 libras e medalha de ouro.

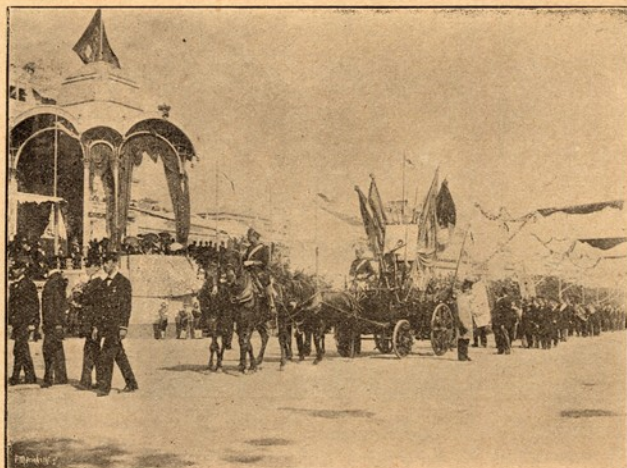
Nas regatas de canoas da picada, coquetes, largaram cinco d'estes veleiros barcos, ganhando na 1.ª corrida a *Etelvina* e na 2.ª a *Christina*.

O jury estava a bordo da canhoneira *Limpopo*.

Dia 16 — Regata de véla em Paço d'Arco; n'esta formosa bahia o movimento era outro que não o da vespera; os barcos viam-se por centenas; grande quantidade de povo em terra e muitos vapores cheios de passageiros.

Dos muitos barcos inscriptos alguns desistiram, como adiante notamos: a primeira largada foi á uma hora da tarde e pela ordem que segue:

1.ª corrida, *handicap*, em que tomaram parte *cruzeiros* de 5 a 20 toneladas. Dos barcos inscriptos para esta corrida desistiram a *Cysne* e a *Mavis* do sr. Bucknall,

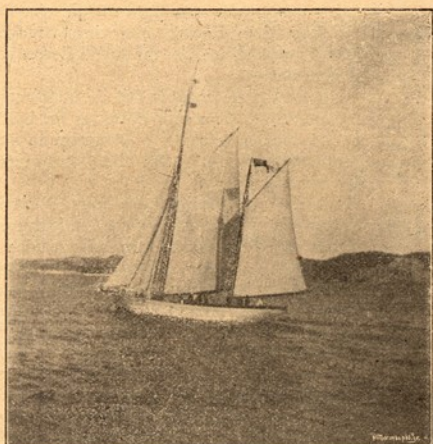


Carro da «União dos Atiradores Civis»

Cortejo de 19 de maio de 1898

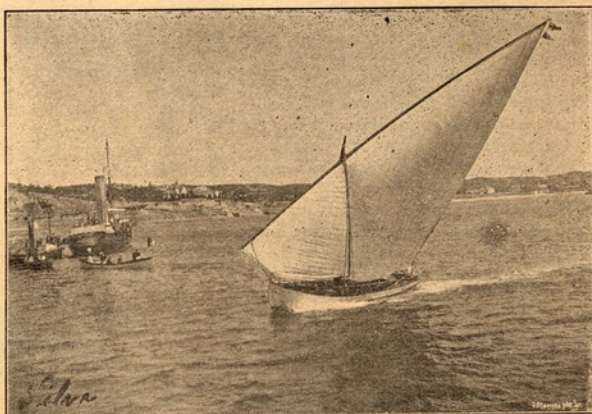
AS REGATAS DO CENTENARIO

REGATAS DE VELA



«Cariad»

Vencedora na 1.ª corrida de Cascaes. Premio *Taca Vasco da Gama*
Propriedade de lord Dunraven. Instantaneo de J. Benoliel



«Indiana»

Vencedora na 1.ª corrida de Paço d'Arcos. Premio 30 libras. Propriedade do Sr. Augusto Moniz
Instantaneo de M. S. da Silva



«Vega»

Propriedade do Sr. A. O'Neill



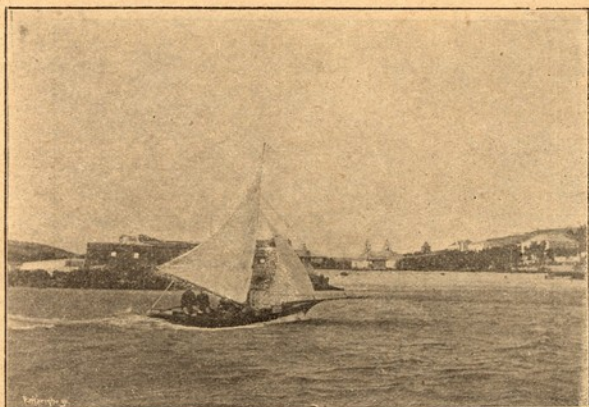
Jury das regatas de vela

Sobre a ponte do Arsenal. Instantaneo de J. Benoliel



«Canôa enviada»

Uma das que regatou no dia 15



«Desdemona»

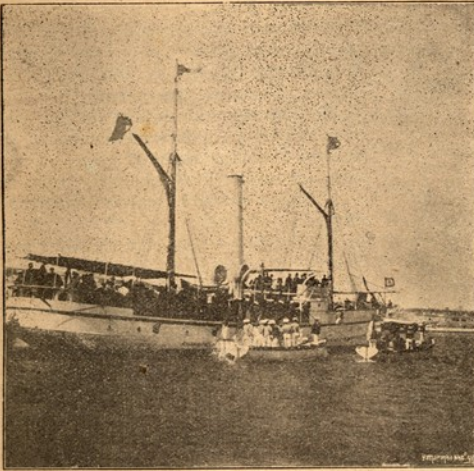
Vencedora. 1.º premio, 15 libras. 3.ª corrida. Propriedade do Sr. Ignacio Franco



«Etelvina»

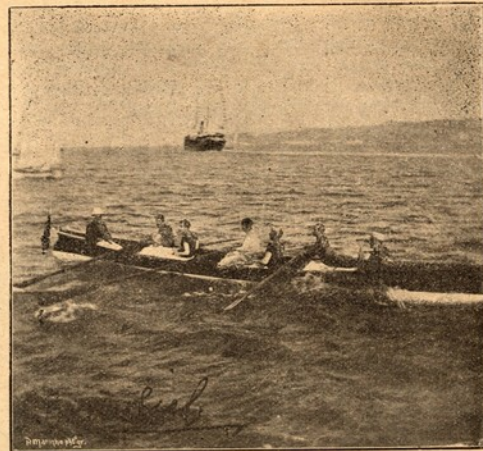
Vencedora, ganhando o premio das coquettes, 350\$000 réis. Propriedade do Sr. José de Faro. Instantaneo de J. Benoliel

REGATAS DE REMOS



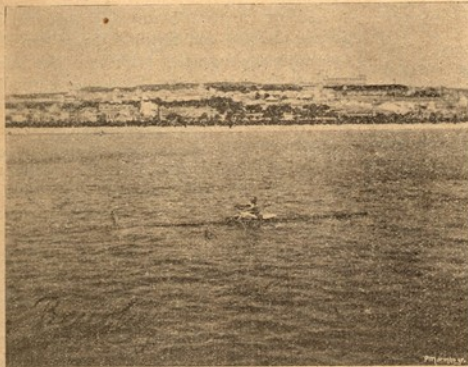
«Limpopo»

Canhoneira, a bordo da qual estava o jury, tendo atracados os dois escaleres portugueses vencedores na 4.ª corrida. Instantaneo de Luiz Fernandes



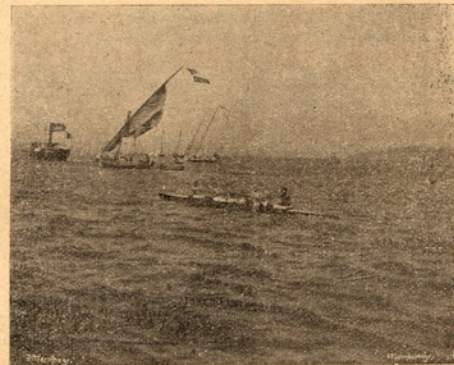
«Ophelia»

Guiga vencedora, de El-Rei, tripulada pelo Real Club Naval de Lisboa Instantaneo de J. Benoliel



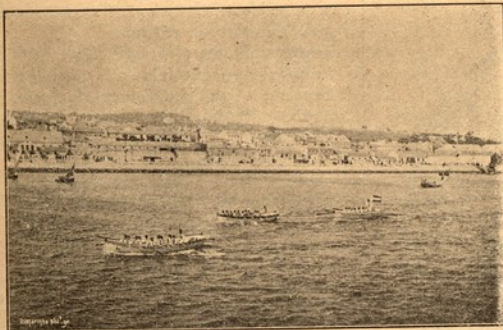
«Paulo»

Skiff, vencedor, propriedade e tripulado pelo Sr. Augusto de Seixas Instantaneo de J. Benoliel

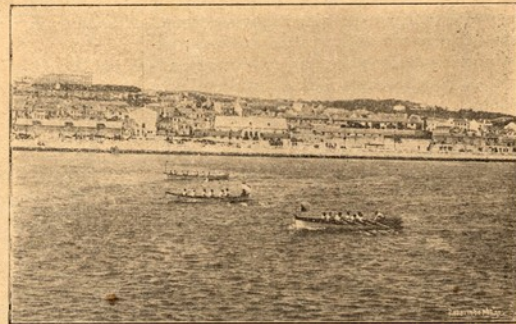


«Rigel»

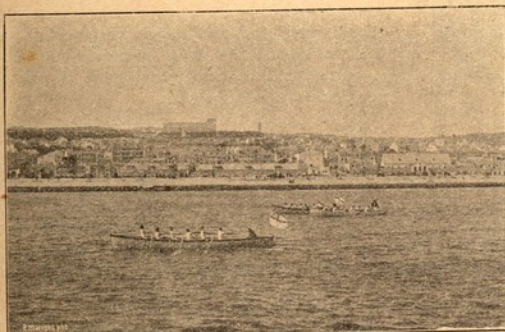
Outrigger, vencedor, do Club dos Aspirantes de Marinha Instantaneo de J. Benoliel



Escaler vencedor, do transporte português **Africa**. Instantaneo de F. Viegas



Escaler, vencedor, do couraçado inglês **Magnificent**. Instantaneo de F. Viegas



Escaler, vencedor, do couraçado inglês **Revenze**. Instantaneo de F. Viegas



Escaler, vencedor, de 12 remos, do couraçado alemão **Oldenbourg**. Instantaneo de F. Viegas

que tinha como timoneiro a esposa d'aquelle cavalheiro, e correram *Atilla*, *Indiana*, *Alexandrina* e *Aguila*.

Ganhou o primeiro premio o *Indiana*, propriedade do sr. Augusto Moniz.

O sr. Carraça, proprietario da *Atilla*, protestou contra esta corrida, mas o seu protesto foi julgado improcedente.

2.^a corrida, *handicap* para *yachts* de mais de 2 1/2 a 5 toneladas. Dos barcos inscriptos para esta corrida desistiram *Irene*, *Maria Leonor*, *Arminda*, *Luciana*, *Saphira* e *Virginia*.

Correram *Maggie*, *Helena Lina*, *Alice*, *Vae*, *Nini* e *Emilia*.

Chegou primeiro á baliza *terminus* a *Alice*, mas o sr. Norton, proprietario da *Maggie*, que chegou em segundo logar, protestou que a *Alice* ao largar tinha ido bater na baliza de partida, obrigando a *Maggie* a mudar de rumo, o que a atrazou na corrida.

O protesto foi julgado procedente pelo jury, ganhando por consequencia a *Maggie* o primeiro premio.

3.^a corrida, *handicap* para *yachts* até 2 1/2 toneladas.

N'esta corrida desistiram *Isabel*, *Fly* e *Lyem*, correram *Clair*, *Moussy* e *Desdemona*.

Ganhou, sem protestos, a *Desdemona*, propriedade do nosso amigo sr. Ignacio Franco.

O vento enrijou e já era muito, e o jury, a fim de prevenir desastres, diminuiu o percurso das regatas, que era de 10, a 5 milhas. Perto das 4 horas o *Admastor*, com os mesmos passageiros da vespera, largou rio acima, sendo seguido por grande numero de barcos.

No 3.^o dia, 17, a corrida realiso-se entre a Junqueira e o largo dos Jeronymos, aquella praia do Restello d'onde o grande Vasco da Gama largou para o caminho da India.

O espectáculo melhorou de dia para dia, a concorrência era enorme, tanto no mar como em terra, a nova muralha que reveste a margem do rio, estava coroada com dezenas de milhares de pessoas; assistimos ás antigas regatas mas nunca vimos tal concorrência a espectáculos d'esta ordem.

As corridas eram feitas no prolongamento da muralha entre esta, e perto d'ella, e uma cerrada fileira de barcos a vapor e de vella, formados em linha, de forma que o centro tinha a apparencia d'um lago enorme; mas, em volta d'este lago tudo estava apinhado de gente.

Formando a muralha fluctuante via-se o *yacht* *D. Amelia*, de S. M. que ali se achava, com toda a sua comitiva e convidados; os outros barcos de vella pertencentes á familia real; no outro extremo a *Limpopo* com o jury, no centro o *Africa*, *D. Amelia*, *Margarida*, *Victoria*, *Zaire*, *Tigre*, *Bom Successo*, *Touro*, *Guiné*, *Fulminante*, *Congo*, torpedeiro n.^o 3, *Cabinda*, *Progresso*, *Trafaria* e muitos outros, tanto da alfandega como particulares, dos quaes ignoramos os nomes.

A largada era da Junqueira, e a chegada em frente dos Jeronymos, o jury da partida era o sr. Guilherme F. Pinto Basto, coadjuvado pelo sr. barão d'Almeirim.

Perto da 1 hora souo o primeiro tiro de partida; foi geral a anciedade; os que estavam longe a custo viram dois pequenos *Skiffs* de dois remos era o *Paulo*, do nosso amigo Augusto Seixas, e por elle tripulado, e o *Peral*; ganhou o primeiro, uma medalha de ouro.

2.^a corrida — Guigas de 6 remos de 1.^a classe. Premio, medalha de ouro.

Tomaram parte *Alice* e *Eleonora*. Ganhou a *Alice*, que era tripulada: patrão, J. Botelho; voga, Z. Bermudes, J. B. C., A. Santos, C. Silva, J. B. e W. Awata.



Augusto de Seixas

Distincto sportsman, proprietario e remador do skiff *Paulo*

3.^a corrida — Barcos tripulados por marinheiros dos navios de guerra nacionaes e estrangeiros surtos no Tejo.

Tomaram parte 4 escaleres de 8 remos, sendo um inglez, um austriaco, um portuguez, da fiscalisação da alfandega e um francez.

Ganhou o 1.^o premio, 10 libras, o inglez. Chegou em segundo logar o austriaco e em terceiro o portuguez.

O entusiasmo d'esta corrida foi enorme e nunca vimos espectáculo igual.

4.^a corrida — Escaleres de 10 remos. Premio, 10 libras.

Tomaram parte 4 escaleres, sendo tres portuguezes e um hollandez.



João Marcellino

1.^o marinheiro, patrão do escaler vencedor do transporte portuguez *Africa*

Ganhou o 1.^o premio o escaler tripulado por marinheiros portuguezes da guarnição do *Africa*. Um bello grupo de rapazes.

Cujos nomes são:

João Marcellino, Alexandre Florencio de Carvalho, Manuel Gonçalves, Manoel do Nascimento, José Antonio, João Victor, Alfredo Ornellas, Antonio Rodrigues Bi-

cho, Albino de Carvalho, Leonardo Duarte e Antonio Maria.

A victoria d'este escaler fez subir de ponto o entusiasmo, e por um momento a multidão, atroou os ares com vivas, bravos e hurrahs! Era commovedor.

No regresso do escaler ao *Africa* o commandante e officiaes felicitaram e animaram os bellos rapazes, assim como os officiaes estrangeiros que ali se achavam.

O escaler hollandez chegou em terceiro logar.

5.^a corrida — Escaleres de 12 remos, premio 10 libras. Tomaram parte 9 escaleres, sendo 4 inglezes, 2 francezes, 2 allemães, 1 austriaco. Ganhou o primeiro premio um dos escaleres allemães, chegou em segundo logar um inglez e em ultimo um francez.

Esta corrida foi das melhores e de melhor effeito, poucas vezes se veem correr 9 escaleres, principalmente no nosso bello Tejo.

6.^a corrida. — Escaleres de 6 remos. Premio 10 libras. Tomaram parte 7 escaleres, sendo 4 inglezes, 2 portuguezes e 1 hollandez.

Ganhou o premio um dos escaleres inglezes, chegou em segundo logar um dos escaleres portuguezes tripulado por marinheiros da fragata *D. Fernando* e servindo de timoneiro o 1.^o tenente sr. Carvalho.

Esta corrida despertou grande entusiasmo, pois, apesar do escaler portuguez não ter ganho, chegou a par do inglez.

7.^a corrida — *Outriggers* de 4 remos. Premio, medalha de ouro.

Tomaram parte *Rigel* e *Sado*. Ganhou a *Rigel*, que era tripulada por: patrão, F. Silva; voga, J. Fonseca, Freitas, Semedo e R. Fonseca.

8.^a corrida — Guigas de 4 remos de 1.^a classe. Premio, medalhas de ouro. Tomaram parte *Altair*, *Aldebran* e *Lis*. Ganhou a *Altair*, que era tripulada por: patrão, R. Fonseca; voga, Loureiro, H. Silva, J. Cordeiro e Teixeira.

9.^a corrida — Guigas de 6 remos de 2.^a classe. Medalha de vermeil.

Tomaram parte *Ophelia* e *Vega*. Ganhou a *Ophelia*, que era tripulada por: patrão, J. Pereira; voga, E. Mouton, S. Lage, H. Amado, J. Roubaud, A. Franco e J. Saude.

10.^a corrida — Guigas de 4 remos de 2.^a classe.

Correu só a *Orion*, que era tripulada por: patrão, V. Fonseca; voga, A. Allemao, F. Lopes, J. Santos e M. Santos.

Eram proximamente 6 horas quando terminou a ultima corrida.

Podemos assegurar, sem receio de exagero, que é a mais bella regata que se tem feito entre nós. D'aqui enviamos as nossas felicitações e a expressão do nosso entusiasmo a todos que trabalharam e contribuíram para tão esplendida festa.

Hurrah! pelo *sport* nautico portuguez; hurrah! por todos os nossos estimaveis visitantes, que nos honraram com a sua presença e contribuíram para o brilhantismo da nossa festa.

Yachting

O sr. João Antonio Cardoso, nosso estimado assignante, foi nomeado representante da *Union des Yachts Français*, da *Union des Yachtsmen de Cannes*, e do *Club Nautique de Nice*.

A «frota» da *Union des Yachts Français* compõe-se de 208 «yachts» a vapor, e 273 á vela, no total de 40.000 tons.

O pavilhão, é o pavilhão francez com uma estrella branca no centro da lista azul, e uma estrella azul no centro da parte branca.

O galhardete é triangular nas mesmas côres.

O «presidente» é o vice-almirante sr. Charles Duperré.

A «frota» da *Union des Yachtsmen de Cannes* consta de 60 yachts arqueando 5:980 toneladas.

O galhardete é triangular azul com uma palma de prata, e duas flôres de lis d'ouro.

O Presidente é o sr. Marquez de Rochechotart.

A «frota» do *Club Nautique de Nice*, é de 118 yachts, com 6:031 tons.

O galhardete é triangular azul com estrella encarnada no centro, orlada de branco.

O «presidente» é o sr. Edouard Beri.

A «Union de Cannes» faz saber aos «Yachtsmen» portuguezes que teria muito prazer em que elles concorressem ás proximas regatas internacionaes de 1899, para os premios da qual o conselho dispõe já de 55:000 francos.

Yachts de recreio que estiveram em Lisboa por occasião dos festejos

Yacht a vapor	<i>Wintonia</i>	109 ton. ^{as}	Inglez
> >	<i>Matador</i>	99 >	>
> de véla	<i>Cariad</i>	74 >	>
> >	<i>Aquila</i>	130 >	Portug.
> a vapor	<i>Yela</i>	140 >	Italian.
> >	<i>Hiawatha</i>	219 >	Inglez
> >	<i>Speedy</i>	77 >	>
> >	<i>Lady Clemell</i>	130 >	>
> >	<i>Ketailes</i>	156 >	>
> >	<i>Maroussia</i>	447 >	Franc.
> de véla	<i>Marguerita</i>	12 >	>

VELOCIPEDIA

As corridas do centenario

No velodromo D. Carlos realisaram-se no domingo 29 do mez findo as corridas que faziam parte dos festejos do quarto centenario da India. A estas corridas assistiu pela primeira vez El-Rei: vendo-se uma grande concorrência, o que tudo animou a festa.

Não sabemos como classificar estas corridas.

Se lhe chamamos más faltamos á verdade e a nossa consciencia não accêta bem esta denominação por não ser exacta, para a darmos como absolutamente boa tambem nos não satisfaz, por não concordarmos com a classificação dos corredores.

Entre elles havia um, Mario Duarte, por quem temos toda a consideração que tendo já corrido em condições, de, pelos regulamentos dos velodromos, ser considerado como *professional*, foi erradamente classificado como *amador*; porque? não o sabemos. Por este motivo teve por adversario, outro corredor cuja inferioridade era bem manifesta, e no que aquelle distincto cyclista nunca deveria ter concordado; mas, ainda nos parece menos rasoavel, que os seus adversarios, sabendo perfeitamente a errada classificação a tivessem accitado.

Mas, adiante, deixemo-nos de mais considerações que se nos afiguram justas, e, passemos a relatar o resultado das corridas e alguns incidentes mais notaveis que n'ellas se deram.

1.^a corrida — *Nacional de amadores* — Foi corrida em 3 series de 2 voltas nas quaes ficaram vencedores em primeiro lugar os srs. Mario Duarte, J. Rodrigues e João Moniz.

No final de 4 voltas ganharam: 1.^o (Objecto de arte oferecido pelo «R. C. V. P.» e V. C. L.) Mario Duarte, 2.^o (medalha de *vermeil*) João Moniz o 3.^o (medalha de prata) Joaquim Rodrigues.

Na 2.^a série J. Martinho, que corria com J. Rodrigues, á chegada á meta foi accommettido de uma syncopa, sendo levado em braços para fóra da pista. Isto quasi que foi motivado pela má disposição em que estava, devido talvez ao erro da classificação.

Gostámos immenso de ver Moniz, pois que com pouco treno, a serio, conseguiu collocar-se n'uma bella posição.

2.^a corrida — *Grande internacional de profissionais* — Nesta corrida houve 4 series de duas voltas, que foram ganhas por Manoel Ferreira, S. Heredia, José Dyonisio e Antonio Lopes.

Ficaram vencedores na final tambem de duas voltas, em primeiro lugar Sebastião Heredia (250\$000 réis e medalha de ouro), 2.^o Raoul Buisson (130\$000 réis e medalha de vermeil) e 3.^o José Dyonisio (80\$000 réis e medalha de prata).

Foi prodigioso o treno que Eduardo Ferreira fez sustentar a Heredia na 2.^a serie, e, quasi que asseguramos que se a corrida fosse maior Heredia teria infallivelmente que desistir. Eduardo Ferreira apezar de vencido foi muito victoriado e d'aqui lhe enviamos um bravo.

Na 3.^a série, houve protestos, por parte de Buisson pois que dizia que Dyonisio lhe tinha cortado a linha; com effeito cortou-lh'a mas não intencionalmente, porque nós que assistimos aos trenos de Dyonisio, vimos que quando *embalava* nunca seguia a linha recta.

3.^a corrida — *Grande Internacional de amadores* — 1.^o premio oferecido por El-Rei D. Carlos, 2.^o medalha de *vermeil*, 3.^o medalha de prata. Chegaram em primeiro lugar nas duas séries de duas voltas, em que esta corrida se dividiu, Mario Duarte e João Moniz.

Na final de 4 voltas ficaram vencedores por sua ordem Mario Duarte, João Moniz e Alber.o Dupuis. Este ultimo e Mouton não tinham corrida em série alguma, mas para abreviar, o jury resolveu que corressem na final.

4.^a corrida — *Nacional de profissionais* — Foi dividida em 3 series de 2 voltas, que ganharam: S. Heredia, José Dyonisio e Antonio Lopes.

Na final ganhou o 1.^o premio (100\$000 réis e medalha de ouro) Sebastião Heredia, o 2.^o (réis 80\$000 e medalha de vermeil) Antonio Lopes e o 3.^o (40\$000 réis e medalha de prata) José Dyonisio.

5.^a corrida — *Internacional de tandem* — Foi n'uma unica serie na qual sahiram vencedores os equipos Manoel Ferreira, Sebastião Heredia, Antonio Lopes e Mario Teixeira.

Não podemos deixar de fazer notar o incorrecto procedimento do *equipo* Lopes-Teixeira, que, logo que via Eduardo Ferreira Dyonisio querer-lhe passar, cortava a linha de uma tal maneira, que só a firmeza de guaidor de Ferreira, fez com que não houvesse um lamentavel desastre.

Agora uma pergunta ao empresario do Velodromo. Porque não mandaram bilhetes para todas as casas de bicycletas? Não seria isto muito mais justo.

Na casa *Columbia*, que é tanto como as outras, não se recebeu um unico bilhete para venda, tendo os seus proprietarios que os ir comprar á casa Beirão & Henriques.

Quer-nos parecer que fosse esquecimento, o que lastimamos, pois podia parecer, o que com certeza os dignos directores da corrida não quizeram fazer.

De resto, as corridas foram boas, havendo sempre muito entusiasmo e grande concorrência.

Pena é que não tenhamos mais corridas como estas buscando-se sempre aprender n'ellas, corrigindo-se nas outras os pequenos defeitos que se forem notando; é por esta forma que nos elevaremos no conceito de todos, e conseguiremos elevar a velicidade portugueza á altura do que n'outros paizes se faz n'este genero de *sport*.

Bem hajam todos os que para isso contribuem.

CYCLO.

TAUROMACHIA

A tourada do centenario

No dia 20 de maio cumpriu-se no Campo Pequeno, com a tourada á antiga portugueza, o numero mais interessante, e



Premio da Cidade de Lisboa no concurso de tiro

Escrivanhinha oferecida pelo sr. Manoel Luiz da Silva, ganha pelo sr. Joaquim Carrilho Garcia. Photographia de J. Novaes

quicá o mais importante, do programma das festas do Centenario.

O sumptuoso circo estava engalanado com profusão de sedas e veludos, e tendo pendentes da galeria do sol e camarotes de 2.^a ordem, uns bonitos *panneaux*, em que a par da cruz de christo viam-se as divisas das seguintes casas: D. Luiz do Rego, D. Caetano de Bragança (Lafões), Conde de Avillez, Marquez de Bellas, Visconde de Asseca, Conde dos Arcos, Marquez de Castello Melhor, Duque de Cadaval, Conde das Galveias, Marquez de Tancos, Visconde de Alverca, Conde de Vimioso, Frederico Ferreira Pinto, Conde da Vidigueira, Conde de S. Martinho e Visconde de Varzea.

O camarote real estava tambem ricamente adornado com cortinados e docel de peluche vermelho e branco, o que lhe dava assim um aspecto de altar-mór.

Perto da hora de principiar começou chegando gente que encheu a praça, mas sem aquelle tumulto e vozaria que se ouve nas corridas com entrada paga.

As' 4 e 45, com a entrada do *neto* Ernesto Freire e dos quatro andarilhos, Eduardo Mendonça, D. Joaquim Castello Branco, D. José de Castro (Rezende), e Luiz Leitão, principiaram as apparatusas cortezias que foram acolhidas com estrondosos applausos.

A's 5 e 20 o *neto* despejou a praça, e depois de os forcados installarem a casa da guarda, e o cavalleiro Alfredo Marreca no *redondel*, sahio o primeiro touro de Emilio, negro, bragado, bem fornido de carnes e com c. n.º 38.



D. Luiz do Rego

Distincto *aficionado* e cavalleiro taumachico amador

O cavalleiro, á sahida da gaiola vol tou-se no terreno do touro e foi colhido, e depois quebrou quatro ferros, sendo dois á meia volta e dois á tira.

José Martins dá 8 lances, e o cabo Pedro d'Oliveira pega de cara recebendo a moña de S. M. a rainha.

Ovação a Pedro e a Marreca que toureou bem, mandando o cavallo com arte.

2.^o — Listão, bocalvo, de Victorino Froes, bravo e nobre.

Mario Duarte e Affonso Villar brindam a SS. MM.

Affonso colloca nm par a *cuarteo*, Mario aponta e não prende, Villar deixa um par quadrando bem, e Mario um par aberto.

Affonso Villar deixa depois meio par, Mario um par superior, Affonso outro e conclue o primeiro com meio, antes do touro entrar na casa da guarda.

Acaba-se a lide com mais meio par de Mario Duarte e um inteiro, bom, de Villar. Palma a ambos. Theodoro dá 4 pas-

ses de capote, que bastam para que Jorge Rebello da Silva realise uma vistosa pega de costas. Ovação, e moña verde e branca de S. M. a rainha D. Maria Pia para o forcado.

3.^o — De Emilio, salgado, bragado e de poder; cumpriu.

D. Luiz do Rego collocou-se bem para a sorte de gaiola, e o animal que sahiu rapido levou o ferro inteiro. D. Luiz colloca a seguir duas farpas á meia volta, levando um beijo ao cravar a primeira; depois parte mais dois ferros á garupa e á tira.

Pede ferros curtos, e o moço da praça dá-lhe uma bandarilha de luto.

Diz D. Luiz — *Não gosto cá d'isso!* Apoiado. Dão-lhe depois um par de bandarilhas, que o arrojado toureiro crava á meia volta com todo o preceito.

Cadete abre a capa quatro vezes, e Theodoro outras tantas, apparecendo então o forcado Alfredo Barbosa, que vae fóra uma vez, é ferido na cabeça, e pega ao segundo intento.

Palmas a D. Luiz, e o forcado, que foi á enfermaria, recebe a moña de D. Maria Scabra de Castro.

4.^o — De Emilio, negro, delgado, com o n.º 21; cumpriu mas acabou difficil e a defender-se.

D. Antonio S. Martinho ao entrar na liça, é ovacionado pelo bem que se apresenta. A rez, que não tem cachaço, recebe um ferro que não fica, um á meia volta, mais dois á garupa e ainda outro citado á meia volta.

S. Martinho deixa mais um curto apoz duas sahidas á tira. Ovação.

Gonçalves dá quatro lances e um pharol ao cornupeto, que ensarilha de grande, e Pedro Navarro pega de cara ao terceiro intento.

O pegador cobra a *moña* offerecida pela Condessa de Penalva d'Alva, e D. Antonio recebe charutos, flores e diversos presentes.

5.^o — Do Visconde de Varzea, negro, bragado, n.º 5, corna curta, e baixel do esquerdo; abanto.

Alexandre Caldas põe-lhe meio par á meia volta, mal; Henrique Freire um aberto entrando bem; o primeiro deixa mais meio, e o segundo intenta um *sesgo* que depois realisa com conhecimento.

Passa-se a outra coisa e Jorge Rebello cae á cernelha do cornupeto, enquanto Alfredo Sirgado rabeja com pulso rijo. Este forcado recebe a *moña* dada pela proprietaria do touro, e partilha dos applausos concedidos aos outros lidadores.

6.^o — De Emilio, carapinha, negro, n.º 28, e de corna aberta. Muito *quedado* e algo manso recebe do Visconde d'Alverca um ferro baixo, um á meia volta que não quebra e mais dois em identica sorte. Ovação.

Henrique Freire, sem ter em conta as pessimas qualidades do touro, empua a moleta e solta quatro passes naturaes e cinco de peito ajudados, sem luzimento mas com valentia, e bem ajudado por Theodoro.

Jorge Rebello pega de cernelha e é pisado na perna esquerda, ficando com as duas meias rasgadas. Ovação aos trez lidadores.

7.^o — De Emilio, bragado, salgado e cornalão.

E' saltão e tem tendencias para manso. O Visconde de Varzea executa a gaiola collocando o ferro superiormente á garupa. A rez entra trez vezes na casa da guarda, Mario Duarte dá uma esplendida veronica, limpa e bem rematada e o Visconde aproveitando a viagem do touro

crava-lhe um ferro á tira, levando um beijo.

Segue-se um ferro á meia volta, e o publico applaude com afan.

Jorge Cadete capeia 7 vezes, e Sirgado ao citar de cara é derrubado e gravemente contundido. Em sua substituição rabeja José Castello Branco, e cernelha Jorge Rebello.

Grande ovação a todos, o Visconde recebe, além dos charutos e presentes da praxe, uma riquissima coróa de louro, da *Sociedade Cooperativa e Caixa de Pensões Taumachica Portuguesa*, que lhe é offerecida no redondel pelos toureiros Raphael e Adelino, em signal de agradecimento pelos muitos serviços prestados por aquelle titular áquella importante aggremação. Esta coróa foi offerecida ao Visconde como Presidente da Caixa de pensões, e por proposta do Vice-Presidente Diogo José Seromenho, approvada por unanimidade.



Visconde de Varzea

Reputado *ganadero*, *aficionado* e cavalleiro taumachico amador

Tendo acabado a primeira parte da corrida ás 6 e 29, pouco depois o intelligente, Visconde d'Asséca, ordenou a sahida do

8.^o — De Victorino Froes, caraça e manso. Este bicho saltou uma dezena de vezes á barreira, não querendo nada com o cavalleiro Alfredo Marreca.

Sahiu depois o 9.^o, tambem de Victorino, para este sr.

O cornupeto era negro, bragado, cornalão e... manso. A custo recebeu um ferro superior á meia volta, posto por Marreca, depois de mudar de cavallo; a seguir um outro, obrigado, um muito bom á tira, e mais dois á meia volta, sendo o ultimo, curto.

Theodoro e José Martins dão 12 passes de capa, e o Visconde d'Asséca ordena a retirada do *boi*.

10.^o — Do Visconde de Varzea, negro, listão e bocalvo, cumpriu, e foi para a lide a pé.

Affonso Villar crava-lhe meio par a *cuarteo* e Alexandre Caldas sahiu em falso, tornando Villar a entrar com fé para deixar um par aberto. Alexandre pincha um par no lado contrario, e Affonso põe outros dois pares, bom e regular respectivamente.

O bicharoco, que já tem muita lenha no cachaço, joga o pau com Alexandre Caldas que lhe põe uma bandarilha n'uma bola, e antes d'este amador concluir a lide com mais meio par, mas este no sitio proprio, Affonso deixa um bom par.

Retirado o touro sae o 11.^o do Visconde, negro, bravo, e acudindo rapido aos cites. D. Luiz do Rego, que está bem si-

tuado para a sorte de gaiola, deixa um ferro superior, e D. Antonio S. Martinho um outro á garupa.

D. Luiz seguidamente põe dois á meia volta e á tira, entrando D. Antonio tambem á tira para deixar mais uma farpa, com honras de superior.

D. Luiz para quebrar outro rajão á tira leva um toque, e D. Antonio deixa outro á garupa, enquanto D. Luiz do Rego não colloca outro á meia volta. Grande ovação. Affonso Villar solta dois lances algo limpos, e S. Martinho acaba a lide das farpas quebrando uma á meia volta, de classe extra e esperando bem.

José Martins ajudado por Cadete propina 6 lances á fera, que Jorge Rebelo da Silva rabeja com valentia. Palmas abundantes.

12.º de Victorino, negro e abanto.

Henrique Freire é perseguido pelo manso, que não o colhe porque aquelle amador tem a velocidade d'um *sud-express*.

Duarte aponta um par aberto e Henrique Freire entra e sae a fugir sem pinchar.

Reconsiderando encerra-se com o touro nas taboas, e consumma um *sego* ouvindo palmas.

A rez salta trez ou quatro vezes á trincheira, e foi para o curro logo que findou a lide de bandarilhas.

Do 13.º e ultimo d'esta tarde, não se percebia a procedencia, nem pela marca nem pela divisa, o que nos fez crer que pertencia a Victorino Froes. O Visconde de Alverca deixou-lhe primeiro só a fregagem, e o Visconde de Varzea uma farpa á meia volta muito boa e de grande castigo. Os dois Viscondes repetem a dose em identica forma, e o primeiro *sangra* uma bola do bicho ao ser perseguido.

O digno representante da casa Castello Melhor sae em falso com arte e vista, e a corrida acaba com a retirada da rez. Eram 7 e 20, e quasi noite.

Não soffre duvida que a brilhante tourada commemorativa do centenario indiano foi o numero mais bonito do programma, captivando quantas pessoas a ella assistiram.

A nós deixou-nos excellentes impressões, tanto pela ornamentação da praça, como pelo trabalho dos lidadores.

Alfredo Marreca, a quem nunca tinhamos visto em praça, provou-nos que não é injusta a fama de bom cavalleiro de que o seu nome está revestido. Pareceu-nos no entanto pouco desembaraçado a cavallo, o que é naturalmente devido á sua cupulencia e grossura de tronco.

D. Luiz do Rego é já nosso conhecido, e, n'esta corrida, posto que os touros que lidasse não fossem d'aquelles que costumava tourear em tempo, não desmereceu do bom conceito em que o tinhamos.

Muito pundonoroso, diligenciou não perder as sortes de gaiola, citou sempre de largo a largo com voz trovejante, e quebrou os ferros d'alto a baixo com arte inexcédível.

D. Antonio S. Martinho, sympathico e boa figura, apresentou um precioso cavallo branco em que farpeou com aquelle donaire e graciosidade que lhe é peculiar. Este amador é d'aquelles que toureia farpeando, e farpeia toureando, isto é, os ferros que colloca são sempre quebrados em frente da cara das rezes, as quaes burla d'accordo com as regras, e das quaes se defende dirigindo o corcel sem tibiasas ou incidências.

O Visconde de Varzea tambem não co-

nhece os *trucs* usados pelos cavalleiros modernos para obter applausos, pois revelou-se, como D. Antonio, um toureiro conhecedor da lide a cavallo, demonstrando uma invejavel firmeza, força e certeza no braço direito.

Os ferros que empregou foram todos postos com vontade, e deram grande castigo ás rezes. E falando do ultimo *rejonador*, o Visconde d'Alverca, sentimos não poder gabar-lhe no todo a lide que executou com sobra de vontade, e ignorancia das qualidades dos touros que lhe largaram.

E' tão sympathico como D. Antonio, bom equitador, desembaraçado sob o ginete, mas carece de saber conhecer as rezes para poder andar junto d'ellas sem perigo immediato de ser colhido.

Dos bandarilheiros pouco ha a dizer visto que se limitaram a bandarilhar sempre a *cuarteo*, com excepção de Henrique Freire que variou a lide executando dois *sesgos*.

Conste que se desmancharam muito nas entradas e nas saídas das sortes, o que todavia foi disfarçado pela largueza dos fatos que vestiam.

E' bom tambem não olvidar que estiveram valentes e arrojados e que nenhum foi colhido.

Mario Duarte com o capote tirou uma soberba veronica no X touro, que passou em claro para o publico.

O *neto* Ernesto Freire preencheu cabalmente o seu posto, tornando-se credor de applausos que não lhe foram dados.

Por ultimo, os forcados cumpriram e na resenha competente vae descripto parcialmente o trabalho de cada um.

Os outros senhores que figuravam na corrida como carecas e papagaios fizeram vista, e prestaram mais serviço os moços de curro srs. Alfredo Appleton, José da Gama Machado, José de Menezes, Luiz Perestrello, Manoel d'Athayde, D. Nuno de Lencastre, e Thomaz Manique Moreira, bem dirigidos pelo abegão, sr. Carlos da Costa Freire.

E enquanto aos touros, sobresahiram como peores, alguns de Victorino.

E. d'A.

Egydio d'Almeida

Não tentamos publicar hoje a biographia d'este distincto *aficionado* e critico taurino, cuja amisade é uma das que mais apreciamos hoje; a belleza do seu caracter e os serviços que nos tem prestado tornam-o credor da nossa amisade e consideração, com um saldo, difficil para nós, de pagar.

No seu *Gran Diccionario Taurómico*, publicado em Madrid em 1896, diz de Egydio d'Almeida, o fallecido D. José Sanchez de Neira, o critico de maior nomeada que a Hespanha tem tido:

Almeida, Egydio Luiz d'—Desde muy curta edad y llevado de su gran afición á las corridas de toros, quiso tomar parte activa en ellas, y lo verificó en una becerrada, como bandarillero, el 6 de Agosto de 1889, en Labruguera (Almendralejo) con el gran rejoneador é hidalgo portugués don Antonio de Siqueira, sufriendo una gran cojida al ejecutar el quiebro, después de haberle intentado á porta de gallola. Continuó, con vario éxito, practicando el torero en diferentes plazas de aquel reino, experimentando graves daños en su cuerpo, efecto de los bolazos recibidos: e esa práctica le ha hecho conocer los secretos del arte, que ha explicado perfectamente en los diferentes periodicos taurinos en que colabora declarandose decidido defensor del toro á la española, sobre cuyo viene haciendo empenada propaganda. Nació en Lisboa (Campo Pequeno) el dia 11 de Octubre de 1875,

siendo sus padres D. Antonio Luiz d'Almeida y doña Gertrudis Magna de Faria.

A opinião que citamos é de molde a dispensar commentarios. Almeida foi amigo do grande escriptor que citamos e mantinha com elle correspondencia.

O seu trabalho de propaganda jornalística, expandiu-se por grande numero de jornaes, dos quaes apontamos os seguintes: *S. Miguel e Terceira, Sol e Sombra, Typographo e O Toureiro*, da Ilha Terceira, *A Tourada, O Forcado, Revista Taurina e Marselheza*; fundou a *Lide* e actualmente escreve no jornal diario *O Paiz, Gil Braz, O Campeão e O Tiro Civil*, sempre e em todos os jornaes sobre assumptos taurinos.

Escreveu e publicou, um livro intitulado *Perfis Taurinos*, que temos aqui presente sobre a nossa meza, em que, com uma paciencia evangelica conseguiu colleccionar 528 biographias e notas sobre personagens, que, mais ou menos tem correlação com a taumachia.



Egydio d'Almeida

Conhecido *aficionado*, critico e escriptor taurino de muito merito

Por estes dias sahirá um novo trabalho d'este incansavel e entusiasta propagador do sport taurino; n'este trabalho vão publicadas as *Memorias de José Joaquim Peixinho*, obra interessantissima, cheia de annotações, que bem provam o talento do nosso amigo.

Aficionado taurino, como é, pertence á *Sociedade Protectora dos Animaes* e, se defende as touradas tanto aqui como em Hespanha, reprova e condemna as atrocidades commettidas com os cavallos dos picadores e as brutalidades dos nossos forcados.

Está tambem colleccionando uns apontamentos que illucidem os *aficionados* acerca das praças e ganaderias açorianas.

A sua colleção de *recuerdos* taurinos é avultada e encerra alguns objectos interessantes, assim como a sua bibliotheca onde tambem possui livros e colleções de jornaes, alguns dos quaes na *Exposição da Imprensa* lhe deram occasião de receber o *Diploma de Merito*, no 6.º grupo.

Como taurino amador, foi infeliz e só recebeu *bolões* sem conto, do que lhe resultou uma grave doença de que está soffrendo.

Mas, com 23 annos incompletos, não se pode exigir mais, poucos n'esta idade terão dado tanto; que o nosso bom amigo nos releve estas inconfidencias, umas, e trações outras; n'este seculo de egoismo e... febre jornalística, nem aos amigos se pode dizer tudo.

As nossas gravuras

Gonçalo Heitor Ferreira

TEMOS por mais de uma vez, dito aqui, n'esta revista, que Ferreira é o nosso primeiro atirador; em o n.º 134, de 15 de março, mais acentuavamos esta já nossa convicção.

O resultado d'este concurso veio confirmar o que nós previramos.

Nos dias 28 e 29, Ferreira emprega 52 balas em 60 tiros, a alvos difficeis, e, a não ser no alvo *figura de joelhos*, todos os outros foram feitos de pé, como era do programma.

Nos desafios de tiro á bala ha pouco feitos, obteve o primeiro premio nos 2.º, 3.º, 5.º, e 8.º, isto é, em oito sessões ganhou quatro primeiros premios. Em 29 de julho de 1894, no concurso official, ganhou o premio de S. M. a Rainha, em 28 de junho de 1896, em concurso official, ganha o 2.º premio.

No nosso n.º 84 de 8 de outubro de 1896, publicámos-lhe o retrato, o que agora voltamos a fazer com muito prazer.

De então para cá tem obtido premios em todos os concursos, quer officiaes, quer das associações.

Heitor Ferreira, honra o *Grupo Patria* a que pertence d'esde a sua fundação, mas muito mais, não só honra este grupo, como honra todos os atiradores, e, muito principalmente, e sobre tudo, honra a patria portugueza que é a de nós todos.

Viva Heitor Ferreira, o campeão portuguez do tiro á bala.

Gil Dias

É um artista de fibra, este sympathico rapaz, que á força de muito estudo e vontade, tem conseguido evidenciar-se na especialidade da sua arte, a de decoração.

Socio fundador da extincta associação *Estrella*, tomou sempre a seu cargo a decoração das salas, por occasião das festas patrioticas que ali se realisaram e de que ainda hoje se conservam tão gratas recordações.

A elle se deve agora, a elegante e artistica decoração do Carro Allegorico da União, que figurou no Cortejo do Centenario, e que tão agradável effeito produziu.

Gil é tambem um distincto *sportsman*, foi um dos fundadores do antigo Club Gymnastico, é cyclista distincto; mantem na Carreira de Tiro, fóros de bom atirador. Tendo sido premiado em alguns concursos; é tambem dedicado partidario da educação de tiro nacional, fazendo parte, como vogal, da commissão installadora da *União dos Atiradores Civis Portuguezes*.

Publicando o retrato de Gil Dias, prestamos homenagem ao distincto artista e *sportsman* e satisfazemos o nosso desejo de amigos sinceros.

Augusto de Seixas

O RETRATO que hoje publicamos, é a homenagem que á muito deviamos a este intrepido remador e entusiasta membro do «Real Club Naval de Lisboa» que, ao mesmo tempo reúne o ser um dos nossos mais bem classificados atiradores da Carreira de tiro em Pedrouços.

E' tambem socio do «Real Gymnasio Club Portuguez,» e antigo socio da «Sociedade de Geographia de Lisboa.»

No seu *Skiff, Paulo*, venceu a primeira corrida nas regatas do dia 17, levando grande avançada ao seu contendor o *Skiff Peral*. No Paulo, que pessue ha 6 annos, tem corrido em 4 regatas, saindo vencedor em 3 e perdendo uma!

Os nossos parabens ao nosso bom amigo e distincto *sportsman* portuguez.

João Marcellino

ESTE modesto nome é o de um bravo marinheiro, que honra a corporação a que pertence, e, honra a patria, a patria do grande marinheiro Vasco da Gama.

João Marcellino, é 1.º marinheiro, está na guarnição do transporte *Africa*, e, foi o patrão do escalor, que ganhou o 1.º premio n'uma das corridas do dia 17. E' um bello typo meridional, alto, de 27 annos, natural de S. João de Areias.

Entrou nas campanhas de Lourenço Marques e da India, pelo que, tem n'aquelle forte e bello peito portuguez, ornando-lhe o lado direito, as insignias das respectivas medalhas.

O premio ganho foi dez libras e uma medalha de cobre.

A todos quantos compunham a tripulação do escalor, cujos nomes damos em outro logar, os nossos mais vivos applausos.

D. Luiz do Rego

ALTERNOU por alguns annos com cavalleiros de profissão, e diga-se sem favor que a todos supplantou, tanto em Lisboa como em Madrid e Paris.

Um dia deixou de apparecer o seu nome nos cartazes das corridas publicas, e agora só de longe em longe é que D. Luiz vem, perante os *aficionados* novos, demonstrando-lhes qual o seu inegavel valor e extremada valentia.

Nas suas propriedades do Almeijão, (Alemtejo), tem bellos touros que suppomos não deixarão de cumprir quando um dia forem lidados. tal é o esmero e cuidado com que são creados.

Visconde de Varzea

COMO *ganadero* é dos que se não poupam a trabalho e a gastos para conseguir a posse de touros de lide, como os que são toureados em Hespanha.

Como lidador a cavallo, muitos cavalleiros de profissão desejariam igualal-o na forma porque procura as rezes, na maneira energica como parte os ferros e no gosto e *aficion* que desenvolve quando se defronta com as feras.

Por ultimo, como cavalheiro e homem de sociedade, tudo quanto se dissesse em seu abono resultaria falido, ante os seus dotes tão excepçioneaes.

Agradecimento

Aos distinctos photographos amadores srs. Luiz José Fernandes, J. Benoliel, Manoel Soares da Silva, Fernando Viegas, e a Julio de Novaes, distincto photographo profissional, agradecemos as magnificas photographias com que hoje illustramos *O Tiro Civil*.

A todos, a expressão do nosso reconhecimento.

DIVERSAS

«A Exposição da Imprensa»

RECEBEMOS um exemplar d'esta magnifica publicação (numero unico), de que foi director Alberto Bessa, dedicado á imprensa, por occasião da exposição; o primor da collaboração e a parte artistica da impressão são tudo o que ha de mais fino em publicações d'esta ordem.

Para que a nossa modesta revista fique possuindo um fragmento d'essa magnifica publicação, permitto-nos a liberdade de transcrever estes versos do grande poeta :

A IMPRENSA

Filha de Gutenberg, sou a Senhora omnimoda !
o verbo, o gladio, o sol, o rato, a paz, a guerra,
alavanca industrial, braço d'obreiro intrepido,
capaz d'erguer, parar, ou subverter a terra.

Comtudo, Omnipotente, ando, errabunda e pavidal
allumiu, sem vér: liberto e ando vendida !...
Embora ! que o resgate ha de vir presto e limpido,
e eu serei o que sou — a fonte e o sol da vida !

THOMAS RIBEIRO.

Correspondencia

G. H. C.—Alcobaça—Não foi esquecimento, logo que possa sêr, será servido.

R. A. F.—Celorico da Beira—O que deseja, bom, custa-lhe 45\$000 réis.

J. M. P. da S.—Cadaçal—Recebemos a carta. Fica paga até setembro do corrente anno. Agradecemos.

T. C. S. de A.—Manteigas—Recebemos e agradecemos. Fica paga até dezembro do corrente anno.

J. d' O. S.—Aveiro—Recebemos e agradecemos a assignatura, que fica paga até novembro do corrente anno.

J. de S.—Lagos—Sim, senhor, com muito gosto, sempre que queira. Enviamos pelo correio os numeros pedidos.

EXPEDIENTE

Apesar de darmos este numero com 12 paginas, não nos foi possivel publicar todo o original que tinhamos para este numero. Aos nossos estimaveis collaboradores pedimos nos relevem esta demora.

ANNUNCIO



Casa da Moeda e Papel Sellado

A Casa da Moeda faz publico que durante o praso de validade dos sellos postaes commemorativos do Centenario da India, effectuará a venda dos mesmos sellos, do Continente, Açores, Madeira, Africa, India, Macau, e Timor bem como dos respectivos bilhetes postaes, e taxas de multa em todos os dias uteis das onze horas da manhã ás trez da tarde.

Antonio de Lima Carvalho.

Editor responsavel—Mannel Augusto Pinto
A LIBERAL—Officina typographica